



paz no plural

XII SALÃO DE ENSINO

12 a 16 de setembro
Campus do Vale - UFRGS



Evento	Salão UFRGS 2016: XII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A relação entre a economia agrária brasileira e italiana
Autor	ANDRÉ PERUZZO MORETTO

RESUMO: A agricultura sofre influência de diversos setores da economia. Por definição, está entre o setor industrial, do qual são providos os insumos, e o consumidor. O poder aquisitivo dos brasileiros é, no geral, baixo, o que gera uma procura maior por preços inferiores, visando mais a economia nas compras em despeito à qualidade do produto que está sendo adquirido. Com isso, para se manter no mercado interno, o agricultor opta por reduzir seus custos de produção. Isso pode ser feito de duas formas: corte de investimentos iniciais ou diluição dos custos da cadeia com o aumento da produção por área de terra utilizada. Ambas as escolhas acarretam também em diminuição da qualidade. Existe uma alternativa para esse caso: agregar valor ao produto final com a Certificação de Denominação de Origem (CDO). Essa certificação ocorre em regiões definidas por legislação e significa que esse produto é proveniente exclusivamente dessa região e que passa por um rigoroso controle de qualidade para obtenção do selo. No entanto, a procura por produtos CDO abrange apenas uma pequena faixa de consumidores brasileiros. Na Itália, por outro lado, a média do poder aquisitivo da população é maior. Assim, produtos DOC e DOCG (Denominazione di Origine Controllata e DOC e Garantita) representam grande parte do consumo de vinhos, presuntos e queijos, viabilizando a atividade agrícola deste país desfavorecido pela quantidade de área. Em geral, o consumidor italiano opta por produtos nacionais e de boa qualidade. Assim, é importante ressaltar que, na gôndola, a diferença de preço entre um produto DOC e os demais não é suficiente a ponto de estimular o consumidor a optar pelo simples mais barato. Isso significa que a comercialização de produtos nacionais não é restringida por taxas e elevações absurdas de preço, mesmo que países vizinhos ofereçam produtos a custos menores. Soma-se a isso o fato de que os produtos italianos de melhor qualidade permanecem no mercado interno. No Brasil existem algumas diferenças neste contexto. Um vinho da serra gaúcha, por exemplo, é vendido por, pelo menos, 100% do valor de um mesmo vinho importado do Chile, ambos sem selo. Também ilustrativo é o caso do café brasileiro, vendido no Brasil pelo mesmo preço de um café importado na Itália. Essa dinâmica econômica é bem nota nas aulas da Faculdade de Agronomia da Universidade de Padova, que têm como prioridade o mercado interno, no setor agrícola ou no pecuário. Os alunos são instruídos a transmitir aos clientes produtores rurais a importância da busca pelo aperfeiçoamento do produto final. Pode existir uma justificativa simples para este fato: não há área cultivável em abundância e o clima é restrito, então é preciso vender bons produtos e conquistar consumidores. De fato, a Itália desempenha muito bem esse papel em seu mercado interno e dentro da União Europeia, visto que os produtos italianos são muito valorizados em seus países vizinhos. Dito isso, torna-se evidente o contraste com a realidade brasileira, composta, salvo exceções, por grandes propriedades com produção em escala, que visam a diluição dos custos de produção para viabilizar a atividade agrícola. Não por acaso a agricultura possui extrema importância na arrecadação do país, responsável por até 30% do PIB. Nesse contexto, não é raro encontrar pequenos agricultores com intenções de expandir as suas áreas ou aumentar a lotação animal, por exemplo, quando a compra de terras é inviável. Essa alternativa representa um caminho mais fácil para expandir o negócio, visto que o proprietário muda a escala de produção de um mesmo produto que ele já sabe como produzir. Desta forma o agricultor até aumenta a renda absoluta, mas isso não necessariamente representa um aumento do percentual de lucro sobre o capital empregado. Por outro lado, uma estratégia mais segura é a de o proprietário e sua mão de obra passarem por um aperfeiçoamento técnico, um aporte de novas tecnologias, entre outros, desenvolvendo o seu produto e aumentando sua qualidade em detrimento da quantidade. Desta forma o lucro se eleva e o pagamento condiz com a tecnologia empregada. Como estudante e após presenciar as duas situações - a de um país que, por dispor de recursos de área, pode escolher a alternativa mais fácil, e a de outro país constrangido a especializar-se - considero, por várias razões, de extrema relevância a especialização da propriedade agrícola na direção de produtos de maior valor agregado e pretendo levar essa experiência para a agronomia do meu país.